

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS SAUDE E TECNOLOGIA
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS HUMANAS-SOCIOLOGIA

ADELINA LUANA OLIVEIRA DE MOURA

**UM ESTUDO SOBRE A MOTIVAÇÃO E DESMOTIVAÇÃO DE ALUNOS
ADOLESCENTES DA ESCOLA MUNICIPAL TOMÉ DE SOUSA – IMPERATRIZ**

IMPERATRIZ – MA
2018



ADELINA LUANA OLIVEIRA DE MOURA

**UM ESTUDO SOBRE AMOTIVAÇÃO E DESMOTIVAÇÃO DE ALUNOS
ADOLESCENTES DA ESCOLA MUNICIPAL TOMÉ DE SOUSA – IMPERATRIZ**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Ciências Humanas – Sociologia da Universidade Federal do Maranhão como pré-requisito para conclusão do curso.

Orientadora: Prof^ª. Dra. Betânia Barroso

IMPERATRIZ – MA
2018

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Núcleo Integrado de Bibliotecas/UFMA

Oliveira de Moura, Adelina Luana.

Um estudo sobre a motivação e desmotivação de alunos
adolescentes da Escola Municipal Tomé de Souza -
Imperatriz / Adelina Luana Oliveira de Moura. - 2018.
45 p.

Orientador(a): Betania Oliveira Barroso.

Monografia (Graduação) - Curso de Ciências Humanas -
Sociologia, Universidade Federal do Maranhão, IMPERATRIZ,
2018.

1. Adolescência. 2. Desmotivação. 3. Motivação. 4.
Sala de aula. I. Oliveira Barroso, Betania. II. Título.

ADELINA LUANA OLIVEIRA DE MOURA

**UM ESTUDO SOBRE A MOTIVAÇÃO E DESMOTIVAÇÃO DE ALUNOS
ADOLESCENTES DA ESCOLA MUNICIPAL TOMÉ DE SOUSA – IMPERATRIZ**

Aprovado em ___/___/___

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª Dra. Betania Oliveira Barroso
Doutora
Universidade Federal do Maranhão/UFMA

Prof^º Dr. Alexandre Peixoto Faria Nogueira
Doutor
Universidade Federal do Maranhão/UFMA

Prof^º Ms. Manoel Pinto Santos
Mestre
Universidade Federal do Maranhão/UFMA

DEDICATÓRIA

A professora Betânia pela paciência na orientação e incentivo que tornou possível a conclusão desta monografia.

A meu companheiro pelo carinho e a força que me deu nos momentos de dificuldades.

RESUMO

Ser professor não é tarefa fácil, exige dedicação e devoção à profissão. Um dos maiores desafios em ensinar é a motivação em sala de aula. Saber reconhecer quais fatores provocam essa condição e principalmente identificar os ganchos motivadores para os alunos são situações que nem todos os professores estão preparados para vivenciar. E este trabalho teve como objetivo promover o questionamento sobre a motivação do aluno e seus principais condicionantes. Também trabalhamos com entrevistas dos professores e seus entendimentos sobre quais fatores provocam a desmotivação em sala de aula, principal queixa dos professores. O resultado das entrevistas é discutido ao longo da monografia, destacando os fatores biológicos e psicológicos que são característicos dos adolescentes, idade dos alunos do sétimo ano "b", que foram objetos da pesquisa. Nos capítulos finais os resultados são analisados e relacionados com teorias bases do trabalho: Piaget, Vygotsky, Maslow, para termos assim, como consideração final o entendimento que a motivação e sala de aula é uma via de mão dupla. Tem que ser desenvolvida e proporcionada tanto pelos professores como pelos alunos.

Palavras-Chave: Motivação. Desmotivação. Adolescência. Sala de aula.

SUMMARY

Being a teacher is not an easy task, it requires dedication and devotion to the profession. One of the biggest challenges in teaching is the motivation in the classroom. Knowing what factors provoke this condition and especially identifying the motivational hooks for students are situations that not all teachers are prepared to experience. And this work had as objective to promote the questioning about the motivation of the student and its main conditions. We also work with teachers' interviews and their understandings about what factors lead to demotivation in the classroom, the main complaint of teachers. The results of the interviews are discussed throughout the monograph, highlighting the biological and psychological factors that are characteristic of adolescents, the age of the seventh year "b" students, who were objects of the research. In the final chapters the results are analyzed and related to basic theories of work: Piaget, Vygotsky, Maslow, for terms thus, as final consideration the understanding that motivation and classroom is a two-way street. It has to be developed and provided by both teachers and students.

Keywords: Motivation. Demotivation. Adolescence. Classroom

:

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1.1. Justificativa.....	9
1.2. Objetivos.....	10
1.3 Problema de Pesquisa.....	11
1.4 Hipóteses.....	11
MOTIVAÇÃO ESCOLAR E ADOLESCENCIA.....	133
2.1. A importância da psicologia da educação para o professor.....	14
2.2. Motivação	17
2.3. A importância da Motivação no Contexto Escolar: uma abordagem da psicologia da Educação.....	20
2.4. Adolescência e Motivação	22
METODOLOGIA	
3.1 DOS INSTRUMENTOS E LÓCUS DA PESQUISA	
ENTREVISTAS COM PROFESSORES DO 7º ANO DA ESCOLA MUNICIPAL	
TOMÉ DE SOUSA E ANÁLISE DOS DADOS.....	31
4.1. Escola Tomé de Sousa.....	31
4.2. Perfil dos professores entrevistados	33
4.3. Perguntas da entrevista	34
4.4. Aplicação das entrevistas e análise dos dados.....	35
CONSIDERAÇÕES FINAIS	422
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	433

1. INTRODUÇÃO

Quando se fala sobre os desafios do professor, um dos mais cotados é a desmotivação dos alunos e quando são questionados sobre quais fatores motivacionais são trabalhados com os alunos em sala de aula, muitas e variadas são as respostas, e pensando sobre isso propôs-se, com base nas respostas das entrevistas, soluções práticas para esse problema na escola municipal Tomé de Sousa, especificamente na turma do sétimo ano “B”, por ser a faixa etária entre 11 e 13 anos, uma fase complicada e de difícil conhecimento pessoal e social para os alunos, pois se trata da adolescência.

Como falar e discutir sobre motivação em sala de aula, quando os constantes desafios enfrentados pelos professores fazem parecer que a desmotivação, ou seja, a falta de motivação, é mais frequente dentro das escolas, dificultando o processo de ensino e aprendizagem?

Adolescência não é uma fase tranquila ou mesmo fácil de ser vivenciada. Repleta de constantes mudanças seja no corte ou cor de cabelo, estilo de roupas, gosto musical, até questões mais complexas, como as preferências e escolhas sexuais. Neste momento da vida, quase todos os ensinamentos familiares, escolares e sociais são questionados e redefinidos, para então serem revividos com mais intensidade.

Entender a adolescência como uma turbulenta fase da vida, pelo fato de que o jovem tem que se desligar definitivamente de seu amor *primeiro*, ou seja, o pai ou a mãe é importante para o professor compreender quem são seus alunos e o que esperar das aulas. A puberdade é uma redefinição da infância, quando se refere a amores e apegos sentimentais. Há uma intensificação de sentimentos, onde os desejos e anseios, principalmente sexuais, redobram. É na adolescência que as experiências sexuais são mais fortes e as preferências sexuais são estabelecidas.

As mudanças e transformações constantes no corpo, comuns da adolescência são resultados de fatores fisiológicos e biológicos bem como de fatores psicossociais. Ao contrário do que muitos pensam, o ambiente afeta a formação psicológica dos jovens. Palácios, (1995, apud SISTO & OLIVEIRA & FINI, 2004, p.36) afirma que “o enfraquecimento das mudanças físicas está determinado por aspectos culturais, os quais dão à adolescência (e não mais à puberdade) um caráter

psicossocial”. Portanto, não é aconselhável generalizar nem banalizar esta fase da vida de um jovem.

O adolescente, além dos fatores individuais (internos), ainda sofre com fatores e posicionamentos sociais (externos) que dificultam a vida dentro de uma sociedade. Não são pequenos para serem tratados como crianças e nem grandes demais para serem tratados como adultos. Os entraves vão desde os status sociais que muitas vezes são passíveis de acomodação por parte do jovem, afinal é bom ser ‘filhinho da mamãe’ (grifo meu), porém não conseguem adquirir experiências suficientes para conquistar um espaço social e profissional.

Anna Freud afirma que o id e o ego estão em constante briga, um lutando com o outro para tomar e manter a influência nas ações dos jovens. Enquanto o id lida com os instintos, o ego tenta ser equilibrado e manter a racionalidade. Nesse sentido, há somente dois possíveis resultados para esse dilema: o id ganhando, o jovem se torna impulsivo e instintivo, suas decisões e ações tem por base os instintos e há um desapego ao que foi aprendido na infância. Com o ego ganhando há uma supressão dos impulsos e uma consolidação dos aprendizados anteriores (FREUD apud SISTO & OLIVEIRA & FINI, 2004, p.38-40).

1.1. Justificativa

Olhando de uma perspectiva onde a adolescência é entendida como uma fase de turbulência e transição para os adolescentes e que ainda é neste período que os valores éticos e morais vão ser postos a prova e consolidados e que as descobertas sobre o mundo estão fervilhando no cognitivo, a justificativa deste trabalho de pesquisa é consolidada nos questionamentos que levam inúmeros pedagogos e profissionais da pedagogia a pesquisar sobre a motivação e a falta dela na sala de aula.

A Escola Municipal Tomé de Sousa, localizada na zona rural de Imperatriz, no povoado de Olho D’Água dos Martins, foi escolhida para ser campo de observação e de estudo dos possíveis comportamentos que se traduzem como o sentido da motivação e desmotivação dos adolescentes na faixa etária de 11 a 13 anos, em sala de aula.

Este trabalho caracteriza-se como sendo da área da educação e é de grande relevância para a sociedade, pois os questionamentos como, (porque a

desmotivação dos alunos é o ponto central de reclamação dos professores? Quais os motivos, para essa aparente, ou não, falta de interesse dos alunos? Como a falta de motivação dos alunos reflete no trabalho do professor?) os sujeitos na pesquisa podem visualizar a problemática, suas causas e consequências, de modo que possam propor alternativas de superação. Além disso, a pesquisa poderá favorecer o crescimento da comunidade acadêmica, pois os alunos de licenciatura serão os futuros professores, os quais irão enfrentar problemas como a desmotivação do aluno na escola.

Além dos argumentos citados acima para o desenvolvimento da pesquisa, a curiosidade pessoal motivou-me a tal pesquisa, bem como as indagações sobre as situações vivenciadas no primeiro ano de docência nesta escola, me levaram a desenvolver as questões acima citadas, as quais são usadas nos questionários aplicados durante as entrevistas que desenvolvi como parte do procedimento metodológico do trabalho.

Contudo, ao fim desse trabalho almejo contribuir com os estudos de formação de professores, visando melhorias para a escola e para o trabalho docente dos meus colegas.

1.2. Objetivos

1.2.1. Objetivo geral:

Investigar os fatores motivacionais e desmotivacionais dos alunos do sétimo ano B do Ensino Fundamental da Escola Municipal Tomé de Sousa em Imperatriz.

1.2.2. Objetivos específicos:

- Compreender as causas da desmotivação dos alunos do sétimo ano da Escola Municipal Tomé de Sousa;
- Verificar as estratégias pedagógicas dos professores do sétimo ano para motivar os alunos do Ensino Fundamental da escola Tomé de Sousa;
- Propor melhorias na relação professor-aluno na escola Tomé de Sousa, visando diminuir o problema da desmotivação na sala de aula.

1.3 Problema de Pesquisa

Como dito no tópico da justificativa, a adolescência é uma fase muito complicada e delicada para os adolescentes, e quando estão inseridos num contexto escolar, especificamente na sala de aula, os professores também se tornam peça importante para o bom desenvolvimento deste período. Por isso, faz-se tão importante que haja estudos sobre a motivação e desmotivação escolar.

Pensando nessa perspectiva e buscando responder o questionamento sobre as causas e motivos desses comportamentos motivacionais, a problematização pôde ser desenvolvida. E a partir desses pensamentos, a questão que se busca uma resposta é: enquanto professora, detentora de conhecimentos e técnicas de ensino e aprendizagem, posso desenvolver maneiras de “driblar”, ou mesmo reduzir a desmotivação dos alunos e principalmente reconhecer quais fatores são motivacionais para os estudantes. Em outras palavras, quais motivos levam a desmotivação do aluno em sala de aula na realidade da Escola Municipal Tomé de Sousa.

1.4 Hipóteses

O conhecimento é resultado da interação entre o meio ambiente e o organismo do indivíduo. Essa interação segundo Piaget chama-se de adaptação, que é quando há uma relação entre o meio em que o aluno vive e o seu organismo e processo cognitivo. Ainda de acordo com Piaget, o indivíduo ao trabalhar com as relações entre meio e organismo se utiliza de dois processos que são muito importantes para a função cognitiva: a assimilação (momento que absorve algo externo ao organismo) e a acomodação (momento em que há a consolidação da interação entre o meio e organismo). Ambos os processos precisam estar em equilíbrio constante para haver um aprendizado eficiente. (CAVICCHIA, 2000, p. 02).

Corroborando com a teoria Piagetiana, os estudos teóricos de Vygotsky se correlacionam quando os teóricos entendem que o desenvolvimento escolar sofre influências de fatores externos ao organismo e as funções cognitivas são aperfeiçoadas dessa interação. Enquanto Vygotsky fala de signos e desenvolvimento proximal, Piaget usa termos como assimilação e acomodação para evidenciar que

ambos entendem o desenvolvimento cognitivo como sendo resultado da relação de fatores e atores externos e o organismo do indivíduo buscando assimilar e absorver para então construir um novo conhecimento. (LEMOS & GIORGI, 2011. p.04)

Ainda buscando autores que corroborem com Piaget e Vygotsky, temos Maslow e sua teoria das hierarquias das necessidades que estabelece uma ordem para as necessidades humanas das mais prioritárias, às nem tão importantes, mesmo que todas sejam necessárias. A relevância da teoria de Maslow consiste nos fatores que, para o psicólogo, são influenciadores motivacionais. Desde necessidades básicas que motivam o instinto de sobrevivência até as necessidades mais requintadas como ambições profissionais e financeiras.

Quando se relaciona a teoria Vygotskyana e a de Maslow, entende-se porque, por exemplo, uma criança que não vai para a escola alimentada tem dificuldades e se concentra na aula porque seu pensamento está apenas focado em saciar a sua fome, ou então, como um adulto alfabetizado com baixos índices educacionais não consegue competir com outros profissionais por uma vaga de emprego mais qualificado.

A partir do momento que o professor entende como os acontecimentos e fatores externos afetam a sala de aula, sua metodologia de ensino pode ser modificada pensando em como alcançar o maior número de alunos. (PISANDELI, 2007.p. 05).

Dito isto, o Cognitivismo será utilizado como aporte teórico, bem como servirá para relacionarmos Piaget, Vygotsky e Maslow, buscando explicar os fatores motivacionais e assim na objetivação de encontrar ferramentas para driblar e quiçá reduzir a desmotivação em sala de aula.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 MOTIVAÇÃO ESCOLAR E ADOLESCENCIA

Como a temática deste estudo é sobre a motivação e desmotivação estudantil no Ensino Fundamental, se torna necessário entender o que é adolescência e como esta fase se torna um desafio constante para o professor. Afinal, como pontuada no capítulo anterior, a adolescência é o momento mais complexo e turbulento do ser humano. É onde importantes descobertas sobre si e o mundo são feitas.

Iniciando as discussões sobre quais os fatores motivacionais e desmotivacionais na adolescência, recorre-se primeiramente ao pensamento Piagetiano, para entendermos os processos de desenvolvimento humano que são fundamentais para a prática docente.

O que interessa para o estudo deste trabalho é o que Piaget chama de estágio de inteligência operatória formal que acontece a partir dos 12 anos. É o momento das hipóteses e possibilidades. Nesta etapa a realidade fica em segundo plano, e o que pode acontecer ganha espaço, pois o adolescente não se prende apenas ao real, ele consegue se libertar do concreto através da imaginação. (FERRACIOLE, 1999, p. 08)

Nesta fase da vida Piaget separa quatro etapas (grifos meus):

maturação, uma vez que esse desenvolvimento é uma continuação da embriogênese; segundo, o papel da **experiência** adquirida no meio físico sobre as estruturas da inteligência; terceiro, **transmissão social** num sentido amplo (transmissão lingüística, educação, etc.); e quarto, um fator que freqüentemente é negligenciado, mas que, para mim, parece fundamental e mesmo o principal fator. Eu denomino esse fator de **equilíbrio** ou, se vocês preferem, auto-regulação (PIAGET, 1964, p. 178 apud FERRACIOLE, 1999, p.09)

O processo de ensino e aprendizagem na adolescência tem que ser entendido a partir desses fatores pois os quatro estão inseridos na vida do aluno. Por se tratar de alunos do 7º ano, tem-se subentendido que haverá uma continuação de aprendizados consequência das experiências vivenciadas dentro e fora da sala de aula bem como as interações sociais que transmitem conhecimento e para além disso há a equilibrarção, que acontece quando o adolescente consegue controlar os outros três fatores.

Nas palavras de Sisto, Oliveira e FINI, (2000, p.35) a adolescência consiste numa fase de transformações em que o sujeito não é nem criança e nem se configura como adulto. Também é importante ressaltar que há uma diferença em puberdade (mudanças fisiológicas e corporais) e adolescência (acontecimento psicossocial que depende muito do ambiente ou meio social que o adolescente está inserido). Por isso, seguindo essa linha de teoria, vamos falar em adolescentes, num contexto coletivo, porque entende-se que cada adolescente vive uma experiência desta fase de modo particular. As percepções adquiridas são resultantes da relação com o meio social e as experiências já vivenciadas, o que nos lembra da teoria de Piaget.

Utilizando as palavras de Sisto, Oliveira e Fini, (2000, p.36) adolescência é “um acontecimento psicossocial e, portanto, limitado pelo grupo social onde o jovem está inserido, e sujeito, assim, as características desse grupo.”.

Já quando se fala sobre motivação, muito se precisa entender seu conceito, afinal o que é motivação? Bem, segundo a teoria de Maslow, a motivação é gerada quando são satisfeitas as necessidades básicas, porque quando estas estão saciadas, o sujeito procura outras necessidades para satisfazer e assim continua até está satisfeito. Trazendo esse pensamento para o contexto escolar, pode-se relacionar a teoria de Piaget e Vygotsky quando se entende que a aprendizagem se dá na interação do meio externo e as funções cognitivas.

Pensando nessa perspectiva, o trabalho do professor do 7º ano é desenvolver uma maneira de trabalhar levando em consideração as alterações sociais, emocionais e hormonais dos seus alunos.

Bzuneck (2000 apud (MORAES & VARELA, 2007, p. 05) diz que “ a motivação, ou o motivo, é aquilo que move uma pessoa ou que a põe em ação ou a faz mudar de curso. ”. Em outras palavras é algo que incita uma ação ou atividade, é uma constante e progressiva vontade de tentar algo.

3.1. A importância da psicologia da educação para o professor.

“Todo professor é, necessariamente, um psicólogo em ação, tenha ou não preparo para isso” (WOODRUFF apud MOULY, 1979, p. 424). O profissional docente em muitas de suas funções faz por muitas vezes o trabalho de psicólogo quando procura entender seu aluno para uma melhor didática ou quando é procurado pelo

aluno para que o ajude ou lhe dê um conselho sobre um problema que está passando. Com isso podemos enfatizar a importância da compreensão que o professor deve ter sobre a psicologia educacional e como ela é indispensável no ambiente escolar.

“Na realidade, a psicologia é mais eficiente para dizer o que não se deve fazer do que para dizer o que se deve fazer” (MOULY, 1979) A psicologia da educação não garante de que tudo ocorrerá bem, mas, poderá dar ao professor a compreensão de como resolver os conflitos e refletir sobre os erros podendo realizar assim um melhor trabalho, adaptando o currículo escolar a criança e a sua realidade reduzindo assim as frustrações dos alunos e conseqüentemente do professor.

Esse conhecimento que é obtido com leveza na formação dos professores através da disciplina psicologia da educação é de suma importância e tem como principais objetivos a compreensão do comportamento humano, a habilidade e capacidade de transformar a sala de aula em um ambiente propício para realização dos alunos, uma visão crítica e aberta para com as metodologias apreciando sempre as pesquisas em buscar do melhoramento da prática e aperfeiçoamento da educação. O ensino além de ser um ofício antigo passou a ser uma ciência, não deixando de ser diferente no ambiente escolar em que o professor empregar sua técnica fazendo seu ofício e com sua habilidade de criar e imaginar, tornar o ensino uma arte, baseado em pesquisas científicas fazendo assim ciência.

Dentro da psicologia aprendemos alguns conceitos que ajudam a compreender o comportamento humano, pois para muitos psicólogos todo comportamento é uma tentativa de satisfazer alguma necessidade.

Para Mouly (1979) necessidade é uma condição no interior do indivíduo que dinamiza e predispõe para certos tipos de comportamento, como por exemplo o Impulso: uma necessidade organicamente induzida como fome, sede e sexo; Desejo: algo que poderia ser satisfeito de outra forma; Objetivo: o alvo que o organismo motivado procura atingir; Intenção: a condição ou estado que guia o indivíduo para seu objetivo. (MOULY, 1979).

As necessidades se dividem em psicológicas e fisiológicas: as fisiológicas, por exemplo, são necessidade de alimento: crianças ficam irritadas com fome sempre observar se o aluno se alimentou senão a concentração em aula não acontece. Assim como a necessidade de sede e de sono que ajuda no descanso mental do aluno. Necessidade de se movimentar, de abrigo e de temperatura adequada.

As necessidades sexuais não são fáceis de serem atendidas por serem percebidas e entendidas como tabu dentro do ambiente escolar,

Além disso, os tabus e os segredos que, muitas vezes, cercam as perguntas legítimas das crianças, servem apenas para criar mistérios em torno do assunto e, assim aumentar o seu interesse. (MOULY, 1979).

Existe uma necessidade de uma educação sexual esclarecedora para prevenir problemas comuns da adolescência.

As necessidades psicológicas são diferentes das fisiológicas, pois nunca são inteiramente satisfeitas. Sendo assim, determinantes significativos do comportamento. Temos a necessidade de afeição, de afeto. Todo indivíduo tem essa necessidade que começa no seio familiar se estendendo para o círculo de amigos e assim por diante, quando não encontram esse afeto sentem-se rejeitados. Temos também a necessidade de ser aceito, por exemplo, fazer parte de um grupo da escolar. Necessidade de realização: ser capaz de realizar algo que lhe foi proposto. Uma criança que consegue realizar seu dever terá satisfeito sua necessidade de realização. (MOULY, 1979).

A Necessidade de independência faz com que “as pessoas desejam ser capazes de governar suas vidas, de estabelecer suas intenções, sem interferência e sem obrigação externa”. (MOULY, 1979). O adolescente em especial sente essa necessidade de liberdade de querer está no comando fazendo suas próprias escolhas. Algumas escolas pecam por excesso de regras não dando a liberdade do ser, tornando-se muitas vezes autoritários, isso via de regra causa revolta, portanto o pondo seria o equilíbrio da liberdade como também responsabilidades.

Necessidade de aceitação e de auto estima são muito importantes e estão no topo das necessidades. A aceitação social vem da necessidade do indivíduo em se sentir aprovado por outras pessoas do seu meio. Uma criança quando faz algo certo espera receber um elogio que é a confirmação de que sua atitude foi aprovada. Porém uma excessiva necessidade de aceitação pode causar uma busca constante de aprovação social em que a pessoa pode se tornar escravo e viver para manter um status. A necessidade de auto estima está ligada aos demais conceitos e também aos valores e padrões que carregamos. Quando as crianças interiorizam as normas e padrões começam a segui-las, essa não adequação significaria uma não aprovação, que geraria baixo auto- estima. Maslow,

Propõe uma interessante hierarquia na intensidade das necessidades e no grau em que são satisfeitas em cada nível. Parte de uma classificação de

necessidades em: a) fisiológicas; b) segurança (onde se inclui rotina, consistência e confiança); c) amor; d) estima; e) auto realização. Depois, sugere que, normalmente, o indivíduo não pode considerar determinada necessidade, a não ser que as necessidades anteriores estejam razoavelmente satisfeitas. (MASLOW, apud MOULY, 1979, p.37).



Imagem 1: Pirâmide de necessidades de Maslow. Fonte: opinionbox.com.

Logo, as necessidades fisiológicas são de extrema importância e podem ser totalmente satisfeitas. Como mencionado acima, uma criança com fome, frio ou calor excessivo pode ter uma certa dificuldade de prestar atenção. Assim como uma criança que não se sente segura na escola ou em casa, em função de algum tipo de abuso. Porém, estando com essas necessidades fisiológicas satisfeitas, a criança estará mais disposta para o cotidiano em sala de aula.

Em todas as necessidades, a satisfação das mesmas passará por obstáculos; não se pode esperar que a escola seja capaz de suprir todas essas necessidades e satisfações, mas deve garantir um mínimo de satisfação para que seu aluno consiga. As primeiras frustrações se darão no ambiente escolar quando o aluno passa a ter desafios e cumprir atividades do currículo proposto.

Os professores podem evitar as frustrações mostrando aos seus alunos as qualidades pessoais e individuais que muitas vezes são bem diferentes para cada sujeito. Isso ajudará o aluno a não se sentir menos inteligente. Todas essas necessidades e satisfações ou frustrações resultam no comportamento do aluno em sala de aula. A compreensão dessas teorias ajuda o docente a entender seus alunos.

2.2. A motivação

Um dos problemas mais comuns que os professores enfrentam é a questão da motivação dos alunos. Não é tarefa fácil manter o aluno concentrado e participativo nas aulas, dentre as maneiras que os professores enxergam para resolver esse problema, a todo custo, esta ameaça de punições. Alguns já desistem e acabam aceitando e justificando com argumentos de que o aluno falta muito, é preguiçoso ou que o mesmo não tem conhecimento prévio algum.

Por muitas vezes, a hipótese do aluno preguiçoso não se sustenta, pois no recreio o aluno se mostra bastante disposto ou na educação física vem a ser bastante ativo. Então, o professor deve enxergar que o problema é que a aula não se mostra interessante para o aluno, ou seja não estar dentro das suas necessidades, portanto, a motivação perpassa pelo conceito de necessidade. Um exemplo: o aluno enxerga nas aulas de educação física a satisfação da sua necessidade de auto realização. Ele pode se prender ao desejo de ser um bom jogador de futebol para o time da escola e assim alcançar e manter status ou a aceitação social dos demais colegas. Pode também carregar nessas aulas de educação física uma chance de ser um grande jogador de futebol. O importante, é que ele veja motivos para ir bem nessas aulas, as quais são dinâmicas e fazem parte da sua realidade social satisfazendo suas necessidades. Assim para Mouly:

Mais especificamente, a chave da motivação está em regular a satisfação que o indivíduo obtém com seu comportamento, pois a aprendizagem – tanto da maneira de lidar com as matérias escolares quanto de formas para enfrentar problemas sociais e pessoais – ocorrem quando as respostas apreendidas já não são adequadas para permitir a satisfação das necessidades do indivíduo. Dessa forma a criança, na sala de aula não aprende porque tenha interesse inato nas dificuldades de álgebra ou da história; aprende porque, ao fazê-lo, pode satisfazer suas necessidades de reconhecimento social, autoestima, motivos de hábito e seu autoconceito. (MOULY, 1979, p.257).

O professor terá o papel de dar motivo para os alunos satisfazerem suas necessidades, assim o estudante aprende e participa das aulas para satisfazer suas necessidades de reconhecimento social e autoestima. A Motivação está presente em vários setores, por exemplo, em empresas a motivação ou a tentativa de motivar o funcionário é realidade diariamente, lançam desafios e metas a se cumprir com incentivos e recompensas a receber reconhecimento como promoção e inúmeras outras técnicas.

Nas escolas os professores devem desafiar seus alunos deixar claro as metas e os objetivos a serem alcançados para que os alunos tenham aquilo como motivo para sua satisfação e reconhecimento quando as metas que os professores dividiram com os alunos forem cumpridas. Muitas vezes os alunos se questionam o porquê de aprender determinado assunto, pois o professor não deixa clara as etapas que eles passaram e terão que concluir, assim o aluno deve participar e não ser mero telespectador na aula.

Porem um problema enfrentado no ensino básico pelos professores é fazer seus alunos se interessarem por um currículo nem um pouco atraente para a idade do alunos, que não se relaciona com a realidade do aluno, não coincidem com as necessidades dos alunos, que tem objetivos bem adultos. O professor imerso nessa realidade e com as possibilidades que tem deve fazer dentro do possível uma conexão conteúdo realidade do aluno. Afirma Mouly:

Para ser eficiente, o currículo precisa, não apenas ligar-se as necessidades das crianças, mas tornar-se suficientemente dinâmico, de forma a poder enfrentar a competição de outras atividades que pedem a atenção da criança. Pode-se até dizer que geralmente, embora nem sempre, não se deve esperar que a criança aprenda algo que ainda não tem significação para seus objetivos e intenções. (MOULY, 1979, p. 261).

A motivação não é um truque de mágica que resolvera os problemas do interesse nas aulas, nem resolverá todos os problemas em sala de aula, mas como uma ferramenta da psicologia da educação que pode ajudar e dar recurso ao professor entender e usar ao seu favor para melhorar a sua experiência em sala.

Dentro da motivação temos os conceitos de incentivos que podem ser eles intrínsecos e extrínsecos, um exemplo claro: é um aluno que estuda história da África por que se reconhece se identifica com aquele estudo e o faz com prazer está motivado intrinsecamente, ora, o aluno que estuda para tirar uma boa nota na prova de história e assim ganhar o presente do pai está motivado de forma extrínseca. Embora um seja interno e outro externo ambos estão ligados ao motivo de quem o executa.

O professor também dispõe de recompensa e punição para motivar seus alunos. Mas a maioria dos professores prefere a forma mais tradicional usam o medo, punição e castigo como sua principal arma para motivar. A recompensa e o elogio vêm a se sobressair, pois o aluno sente que é capaz e que vai alcançar aquele objetivo como aprender a ler, por exemplo, quando o professor usa de punição para com o

fracasso do aluno o mesmo vai recusar passar por a mesma situação pois, as experiências anteriores não os trazem boas lembranças e o aluno acaba se sentindo fracassado. O apoio o “elogio” são sempre as melhores saídas para uma didática em sala de aula. Dentro dessas possibilidades

Isso significa que o professor deve dar apoio moral a criança frustrada pelas exigências da escola, mudar o trabalho da criança aborrecida, dar projetos especiais as crianças cujo, interesses e propósitos ainda não foram atingidos pela rotina escolar. Precisar manter um bom equilíbrio entre a dificuldade e a facilidade do material de forma que a criança não se aborreça e nem fique frustrada; precisará fazer com que as crianças aprendam coisas pelas quais não tem grande interesse e desenvolvam interesse por elas; enquanto isso ocorre precisa confiar em sua personalidade e seu prestígio, como um amigo e uma pessoa interessada no bem estar dos alunos. (MOULY, 1979, p. 275).

3.3. A importância da Motivação no Contexto Escolar: uma abordagem da psicologia da Educação

Para falarmos de motivação temos que fazer um retorno e entender também a importância da Psicologia da Educação que é área de estudo da temática motivação escolar.

A psicologia da educação é um ramo da psicologia que estuda os processos de aprendizagem e desenvolvimento humano, para que haja eficiência no ensino escolar. O professor deve estar ciente do seu papel enquanto professor, tanto como mediador do conhecimento, quanto referência para os alunos que se espelham nele. O professor deve ser aberto ao constante aperfeiçoamento a partir da troca com os próprios alunos. Também, deverá participar ativamente na vida dos alunos, assim como estar engajado em atividades com a comunidade em que a escola se localiza. (PRADO, 2017. p. 21).

Com base na psicologia da educação, que é uma disciplina que estuda os processos de aprendizagem e desenvolvimento humano, podemos entender melhor os processos subjetivos, bem como o comportamento dos alunos. Todo comportamento é uma tentativa de satisfazer alguma necessidade ou a frustração de uma necessidade. Que se subdivide em necessidades fisiológicas que é uma necessidade real séria, como por exemplo, a necessidade de um aluno em ir ao banheiro, ou sentir calor, fome, dentre outras. E as necessidades psicológicas que não permitem satisfação completa, como por exemplo, a necessidade dos alunos de aceitação dos colegas. (PISANDELLI, 2007, p.02).

A motivação é a mola que propulsa a aprendizagem. Sem motivação o ato de aprender carece de incentivo e intensidade. Winsterstein, (1992 apud SISTO, OLIVEIRA & FINI, 2000, p.149) conceitua motivo como uma construção do cognitivo do aluno, ele é criado pelo aluno para explicar o interesse por determinados assuntos ou ações. Ou seja, o motivo explica um comportamento, uma ação, uma vontade. O autor continua afirmando que a facilidade de aprendizagem de um aluno depende do quão motivado ele está.

A motivação é um processo com muitos detalhes e aperfeiçoamentos, o que leva seu estudo a ser desenvolvido por várias teorias como o Behaviorismo¹, Cognitivismo², humanismo³ que são as três teorias mais estudadas dentro da Psicologia da Educação.

A teoria escolhida para estudo deste trabalho é a Cognitivista por entender que a motivação humana advém de fatores intrínsecos, que não precisam ser recompensados por ações externas. O desafio é demonstrar, ao contrário da teoria Behaviorista que o comportamento humano depende unicamente do próprio homem, e que os fatores externos são consequências da motivação interna. (SISTO & OLIVEIRA & FINI, 2004, p. 154).

Motivação é um conceito que segundo Winsterstein, (1992)apud SISTO, OLIVEIRA & FINI, 2000, p.154), é processo que busca melhorar ou manter a própria capacidade de exercer ações que levem ao sucesso ou fracasso. É neste tipo de motivação que se faz presente a necessidade humana de competição. A motivação para realizar-se é intencionalmente praticada para obtenção de sucesso.

Durante os estudos sobre motivação de realizar, os teóricos cognitivistas descobrem que os fatores emocionais são determinantes para o sucesso ou fracasso o que afeta diretamente o grau motivacional do sujeito. Embora, a teoria cognitivista seja escolhida para desenvolvimento deste trabalho, não se pode deixar de fora do

¹ Corrente teórica que estuda o comportamento humano e sua relação com o meio ambiente. Nessa teoria o meio ambiente influencia na ação do homem, determinando seu comportamento. Seu principal representante foi SKINNER. (SISTO & OLIVEIRA & FINI, 2004, p. 150).

² Corrente teórica que defende os motivos internos como propulsores das ações humanas, sem ignorar o fator externo ou ambiental. (SISTO & OLIVEIRA & FINI, 2004, p. 153).

³ Corrente Teórica que se concentra no homem, explicando a motivação como desejo, carência e anseios, (SISTO & OLIVEIRA & FINI, 2004, p. 156).

pensamento sobre motivação escolar, a teoria de Maslow sobre a Hierarquia das necessidades mais conhecida como pirâmide de Maslow.

Segundo o teórico, as necessidades fisiológicas estão na base da pirâmide, são necessidades, como o próprio nome diz indispensáveis para o desenvolvimento humano, comer, dormir, banhar, beber etc. Logo em seguida vem as necessidades de segurança. Como o nome diz, é a necessidade de estar seguro, livre de qualquer ameaça ou situações que estabeleçam perigo. Depois vem as necessidades sociais, que representam as necessidades de pertencimento e aceitação a um grupo social, de coletividade. Em seguida a necessidade de autoestima é outra parte da pirâmide. Aqui a maneira de auto avaliação e auto percepção são buscadas. Aceitação de si. E por fim as necessidades de auto realização estão no topo da pirâmide. São essas necessidades que determinam ao sujeito o real potencial, as conquistas e se relacionam com a autoestima. (SISTO, OLIVEIRA & FINI, 2000, p.157-158).

Num contexto escolar, manter os alunos motivados é um grande desafio, mais afinal de contas, porque isso ocorre? A resposta está de acordo com a teoria cognitivista na motivação do professor que influencia nos alunos seja positiva ou negativamente.

Nas palavras de Sisto, Oliveira e Fini (2000, p.161), o professor deve deixar de lado suas questões internas e pensar em como tornar a aula mais interessante e menos maçante para os alunos. Assim, o nível motivacional do professor, seja ele alto ou baixo, não afetará o processo de aprendizagem e também a motivação do aluno.

3.4. Adolescência e Motivação

A adolescência, que inicia a partir dos 11 anos como dito anteriormente na introdução, consiste numa fase de vida complexa, desafiadora e cheia de mudanças, sejam fisiológicas, comportamentais ou emocionais. Esse constante turbilhão de emoções torna a educação um desafio para os professores do Ensino Fundamental maior. É um período de transição, onde o conhecimento também sofre com as alterações. Pensando na complexidade que é entender o comportamento e o modo de pensar do adolescente, buscamos a teoria de Jean Piaget para compreender as fases de desenvolvimento humano.

De acordo com a teoria Piagetiana, o equilíbrio é a base para o entendimento, análise e conhecimento das outras etapas do desenvolvimento humano. Para isso,

Piaget desenvolveu quatro períodos de crescimento e equilibração. Entretanto, para efeito de referência deste trabalho, o quarto tipo é mais relevante: o pensamento operatório-formal. Responsável por dar características definitivas ao pensamento adolescente (SISTO & OLIVEIRA & FINI, 2004, p. 70-71).

As fases de crescimento desenvolvidas por Piaget são vivenciadas em separado. O que as unifica é a equilibração (recurso cognitivo que permite a integração de uma fase de crescimento a outra, propiciando a adaptação), que dá a cada fase uma interface comunicadora com a fase posterior ou anterior. A integração dessas etapas depende de fatores ou variações como a: concepção, que vem a ser o modo como e percebemos, interpretamos e entendemos o mundo, e por fim, a adaptação, que é o modo como se aplica o conhecimento.

De acordo com Piaget, as fases de crescimento são divididas em quatro: sensório-motor que compreende entre 0 (zero) a dois anos e forma a base para o pensamento cognitivo. São os primeiros pensamentos. Já a fase pré-operatória compreende as idades entre 2 e 7 anos, se caracteriza por uma reconstrução do pensamento, é uma fase transitória, onde as representações são inseridas para a criança. Na fase operatória-concreto, que compreende as idades entre 7 e 11 anos, a criança adquire além da representação, a reversibilidade lógica, ou seja, a capacidade de se entender e perceber em muitos contextos. E por fim a fase operatório-formal, que é a fase que interessa para esse trabalho, que compreende as idades entre 11 e 15 anos. Caracterizada pela capacidade da criança de agrupar mais de uma representação e lógica desconstruindo e reconstruindo pensamento. (CAVICCHIA, 2000, p. 10-12).

O período operatório-formal é a fase final da equilibração do desenvolvimento humano. Neste momento, todos os aprendizados e experiências vividas nas fases de crescimento anteriores são postos a prova e testados pela lei da possibilidade. É também neste período que os traços definitivos da personalidade são desenvolvidos. Nele ainda é importante frisar a capacidade de diferenciação entre o que é real e o que é possivelmente virtual. Piaget busca entender como o raciocínio dos adolescentes é empregado na resolução de problemas, se utilizando da álgebra e da lógica para demonstrar quais as ferramentas que os adolescentes usam para enfrentar situações adversas a partir da evolução humana.

Equilíbrio e reversibilidade são conceitos essenciais para entender a etapa mais importante do desenvolvimento humano. Saber como e onde usar um fato

aprendido numa situação diversa, requer raciocínio e sistematização do conhecimento, o que demonstra o quanto o modo de pensar do adolescente é diferente e complexo. Essa capacidade determina se o aluno está na fase operatório-concreta, quando ainda está consolidando conhecimentos, ou na etapa operatório-formal, quando o adolescente já é capaz de usar dos saberes adquiridos integrando mais de duas operações de raciocínio. (SISTO & OLIVEIRA & FINI, 2004, p. 72).

O pensamento operatório-formal, que é perceptível na adolescência, que une o equilíbrio com as mudanças frequentes e comuns nessa fase de vida. É neste momento que os conhecimentos acumulados ao longo da vida do adolescente mudam quando são percebidos e aplicados nas experiências. Assim, todas as relações já realizadas com o mundo externo são postas à prova e um novo caminho é traçado e a comprovação desses conhecimentos e realizações acontece quando o sistema de prova é empregado pelo jovem. (CAVICCHIA, [200?], p.13).

O adolescente na fase operatório-formal é capaz de fazer combinações de ideias e conhecimentos sistematicamente, numa sequência que cria um método que conduz a outras combinações. Portanto, o que diferencia a criança na etapa operatório-concreta do adolescente na etapa operatório-formal é a capacidade deste de comprovar o sistema de combinações de conhecimentos e dizer se elas são corretas ou não. Porém, não basta saber que uma combinação dá certo, é preciso comprovar que há outras possíveis combinações para um contexto, eliminando as incorretas ou improváveis para o cenário. Toda essa sistematização é que torna a fase da adolescência um processo para a formação da maturidade (SISTO & OLIVEIRA & FINI, 2004, p. 87).

Neste período da vida, a certeza é quase inexistente assim como a garantia de acertos. Mas as tomadas de decisões são baseadas nas possibilidades. É a possibilidade de acontecer algo ou não num determinado contexto que torna o período operatório-formal mais próximo da maturidade intelectual, emocional e social.

Outro diferencial dessa fase de vida é a capacidade de aprendizagem. Pois, uma vez determinado o sucesso das combinações, o adolescente consegue prever uma situação resultante da anterior, sem precisar experimentá-la, pela primeira vez ou novamente, na vida real. Com cenários e atores criados para satisfazer as possibilidades.

Por fim, se pode afirmar segundo a teoria de Piaget, que o adolescente vive das possibilidades que desenvolve para solucionar situações-problema. O possível

está presente em condições hipotéticas e reais. Assim, a realidade se forma quando todas as possibilidades de uma circunstância são testadas e eliminadas até sobrar uma, que se torna, por fim, real.

A teoria de Piaget sobre o modo de pensar do adolescente serve como base para entender o quão rico e desafiador é dar aula para crianças nessa faixa etária, e o quão preparado o professor deve estar para ser capaz de manter o interesse desses alunos no conteúdo da aula. Por isso, saber como o adolescente pensa e processa as informações, facilita muito o trabalho do professor.

Quando o assunto é dar aulas para adolescentes, os receios apresentados pelos professores são explicitados com base nos comportamentos externalizados, (múltiplas conversas durante a aula; desrespeito pelo professor, algumas perguntas dos alunos) pelos alunos na sala de aula, o que dificulta em demasiado o processo de ensino e da aprendizagem.

Como já discutido, o processo de raciocínio dos adolescentes é complexo e diferente: repleto de possibilidades que brigam por espaço com a realidade. Entretanto, o processo de combinações de relações do que foi aprendido antes com o que está sendo vivenciado é carente de equilíbrio, e ter possibilidades é importante para as tomadas de decisões. Eliminar todos os possíveis erros até encontrar uma alternativa correta e viável, é um desafio constante para os adolescentes. Este é mais um motivo para o docente ser capaz de entender como funciona a mente desses alunos, interferindo na personalidade e conseqüentemente nas atitudes. (SISTO & OLIVEIRA & FINI, 2004, p. 75).

Como afirma Azzi (apud SISTO & OLIVEIRA & FINI, 2004, p.136), “o comportamento é produto da interação de um componente genético de características programadas pelos nossos genes e de características que aprendemos ao longo de nossa vida, através de nossas interações com o mundo físico e sobretudo, social”. Quando o assunto em discussão acadêmica é a interatividade entre professor e aluno, a psicologia comportamental ajuda no processo de compreensão das ações humanas.

O convívio entre professor e alunos, consiste muitas vezes, para o docente, numa conversa com a intenção de conhecer mais de seu educando; compartilhamento de aprendizagens de novos saberes e também como parte da rotina didática, afinal o professor deve conhecer seus alunos, do contrário, são criadas barreiras que impedem o processo ensino-aprendizagem. (SISTO & OLIVEIRA & FINI, 2004, p. 139).

A conversa não direcionada para o conteúdo da aula torna a postura do professor evasiva quanto a aprendizagem do aluno, pois há muito espaço para assuntos de âmbito extracurricular. O receio de extrapolar o limite entre ensino e interesse pela vida pessoal e social dos alunos, faz muitos professores optarem por se concentrarem somente na transmissão de conhecimentos deixando a conversa e o diálogo com os alunos em segundo plano.

Já na interação compartilhada entre professor e aluno, o diálogo deve ser efetivo e intencionado para alcançar um objetivo previamente preparado durante o planejamento das aulas. Neste caso, o processo de aprendizagem é mantido. Em tais circunstâncias, a conversa abstrata sobre a vida pessoal e social dos adolescentes é posta de lado em detrimento de experiências produtivas, que tenham relação com o conteúdo em sala de aula. Neste tipo de interação, as técnicas docentes que são aplicadas para o ensino ficam evidentes quando o professor faz perguntas diretas e que não deixam espaço para sair do conteúdo da aula. O recurso das perguntas diretas evita que o professor perca o domínio da aula, quando o aluno extrapola a resposta além do necessário. (SISTO & OLIVEIRA & FINI, 2004, p. 140).

Outro aspecto importante e fundamental da interação educacional entre docentes e discentes, é a maneira como o professor enxerga o aluno. Como descreve, o processo de aprendizagem, limitando-os a estereótipos estéticos e vagos, (lento para entender a explicação, inquieto a ponto de atrapalhar a aula, preguiçoso, bom aluno, quieto demais, não participa das aulas, etc.), demonstrando como alguns docentes são limitados nas técnicas pedagógicas.

A percepção do professor diz muito sobre as características de sua aula, e do que espera e principalmente, do que percebe nos e dos alunos. Sucesso e fracasso escolar são medidas, muitas vezes pelo comportamento em sala de aula e este ainda é associado a fatores fisiológicos dos alunos.

Tais conjuntos de relações e combinações da personalidade humana cria um estereótipo que norteia o trabalho do professor. Da caligrafia ao ritmo de aprendizagem, o adolescente é medido por uma pequena parte da personalidade que representa num ambiente escolar. O que fica evidente é a falha emocional dos jovens como explicação para erros e limitações didáticas e pedagógicas do professor. Para muitos docentes o erro consiste no desinteresse do aluno em aprender novos conteúdos e na falta de motivação para participar das aulas. (SISTO & OLIVEIRA & FINI, 2004, p. 141).

Se sabe que as ações que resultam das interações sociais são medidas pelo modo como percebemos o mundo externo que nos cerca. Partindo desse princípio, fica claro que muitas ações que acontecem em sala de aula fogem ao controle do docente porque não é possível mensurar o efeito de nossas ações em outras pessoas. Trazendo para um contexto escolar, o docente não pode cobrar um bom rendimento do aluno, se não desempenhar bem seu trabalho de ensinar, pois o processo de ensino e aprendizagem requer esforço e dedicação das duas partes.

Nesse âmbito, entra em discussão o trabalho pedagógico, pois se sabe que a comunicação do professor e do aluno tem que ser norteadas por um objetivo, o que exige conhecimento dos alunos, experiência de vida e uma dose de amor pelo trabalho, além de preparo profissional para que haja o máximo de proveito educacional dessa interação.

Entre o desejo de desempenhar um bom trabalho e as rotinas da prática pedagógica, sobra pouco ou quase nenhum tempo para o professor realmente aperfeiçoar seus conhecimentos e enriquecer seus saberes e técnicas de aula, o que conseqüentemente reflete em sala. A desmotivação ocorre nos dois lados, educador e educando, a aula acaba se tornando entediante, o que causa mais desmotivação. (SISTO & OLIVEIRA & FINI, 2004, p. 146).

Por fim, o professor deve estar preparado para enxergar os desafios cotidianos de sua profissão como uma parte de seu trabalho que deve ser assimilada e administrada, uma vez que, problemas nunca deixarão de existir e fazer parte das atividades escolares.

Ensinar exige do professor bem mais que conhecimento metodológico e pedagógico. Requer uma avaliação sobre o comportamento e desenvolvimento, seja físico, psíquico, racional, emocional e social dos adolescentes. (Angelini, apud SISTO & OLIVEIRA & FINI, 2004, p.149), disse que o “princípio psicológico, segundo o qual nenhum comportamento existe sem uma causa motivadora que o determine...”

Mas, afinal como motivar um aluno quando ele não se esforça para aprender?

Bem, partindo do princípio que é o professor quem deve proporcionar um ambiente que desperte no adolescente a motivação para aprender, fica evidente que a própria motivação docente afeta diretamente no resultado da aprendizagem. Se o educando percebe que o docente não está motivado para ensinar, não vê porque

razão também deve se motivar a aprender? O professor não deve temer novas atitudes, novas técnicas e novos recursos para dar aula.

Saber explorar o desejo e anseio dos alunos por conhecer novas experiências e conciliar com os temas das aulas é parte essencial para acabar com a desmotivação dos alunos em sala de aula. (SISTO & OLIVEIRA & FINI, 2004, p. 161).

3. METODOLOGIA

Enquanto as ciências naturais lidam com aspectos fixos e leis imutáveis, a pesquisa qualitativa, nos estudos da vida social, trabalha com uma realidade que não pode ser quantificada como nas ciências exatas e naturais, pois, lida com crenças, valores, atitudes não podendo ser operacionalizada. Nas ciências sociais a abordagem qualitativa diferencia da quantitativa, pois se aprofunda com as relações humanas, as quais são cheias de significados que não se pode ver em cálculos e equações. (GONÇALVES, 2004)

Outro estudo importantíssimo dentro das Ciências Sociais foi o *Interacionismo simbólico*⁴ trazido pelos estudos da Escola de Chicago que põe o indivíduo como intérprete do mundo e traz suas pesquisas voltadas ao ponto de vista do indivíduo se contrapondo a concepção durkheimiana que não acredita que a concepção dos indivíduos não vem a ser objeto de pesquisa da sociologia e sim apenas as concepções que eles têm do mundo social seria objeto sociológico de pesquisa. Esses estudos da Escola de Chicago romperam paradigmas colocando o uso de técnicas e métodos da pesquisa qualitativa como principal meio para a pesquisa na sociologia priorizando o trabalho de campo.

Portanto, como levantado na teoria de Becker, as pesquisas qualitativas permitem um maior controle do *bias*⁵(parcialidade) dos pesquisadores por causa dos procedimentos da pesquisa qualitativa que tem observação participante por um

⁴ Consiste numa teoria onde é possível compreender como o ser humano interpreta objetos e outros indivíduos, e como tal interpretação afeta o convívio com outros seres humanos (CARVALHO; BORGES & RÊGO, 2010, p. 148).

⁵ Termo Inglês muito utilizado por pesquisadores sociais, que pode ser traduzido por viés, parcialidade, preconceito (GOLDENBERG, 2007, p. 44).

período extenso, inserção no contexto e na vida cotidiana dos sujeitos da pesquisa, podendo assim investigar melhor o objeto da pesquisa (GOLDENBERG, 2007, p. 45). Podemos salientar também que na pesquisa qualitativa todos os sujeitos envolvidos na pesquisa devam ser entrevistados independentes do nível. É o que Becker chama de *hierarquia de credibilidade*.⁶

Porém, um dos problemas levantados nas pesquisas qualitativas é que os pesquisadores não apresentam todo o processo da pesquisa até se chegar à conclusão. Portanto, entende-se que é preciso deixar claro todas as operações de sua pesquisa, inclusive as dificuldades que enfrentou durante o processo. Assim, a redução da parcialidade na pesquisa depende do pesquisador que deve ter uma reflexão profunda do que é ciência e dos seus métodos que exigem disciplina e persistência em todo processo.

Atualmente há um consenso entre pesquisadores sociais de que não exista apenas uma ou outra técnica de pesquisa, o desenvolvimento do método dependerá do que será pesquisado.

2.1. Dos Instrumentos e lócus da pesquisa

Partindo desse princípio, foi utilizada como técnica da pesquisa qualitativa, as entrevistas para coleta e análise dos dados. Nessa perspectiva, segundo Goldenberg (2007), a utilização da entrevista como instrumento de investigação, tem algumas vantagens, tais como:

1. Pode coletar informações de pessoas que não sabe escrever;
2. As pessoas têm maior paciência e motivação para falar do que para escrever;
3. Maior flexibilidade para garantir as respostas desejadas;
4. Pode-se observar o que diz o entrevistado e como diz verificando as possíveis contradições;
5. Instrumento mais adequado para a revelação de informação sobre assuntos complexos, como as emoções;
6. Permite uma maior profundidade;

⁶Recurso utilizado por pesquisadores para entrevistar pessoas de alto escalão numa organização, por deterem mais saberes que os demais envolvidos. (GOLDENBERG, 2007, p. 47).

7. Estabelece uma relação de confiança e amizade entre o pesquisador-pesquisado, que propicia o surgimento de outros dados (GOLDNBERG, 2007, p.88).

Dessa maneira, os dados coletados apresentam-se de forma mais reais e trarão mais objetividade, clareza para a pesquisa. A investigação nas ciências humanas é complexa porque o objeto de pesquisa é a realidade onde o sujeito vive, que além de complexa é múltipla, e ao mesmo tempo singular para cada indivíduo. Compreender e interpretar as reações e ações humanas em contexto social é muito difícil, até porque o pesquisador é sujeito que vive na mesma sociedade do objeto de observação e estudo.

Nesse sentido, foram utilizadas as entrevistas semiestruturadas que são uma combinação de perguntas de múltipla escolha e também discursivas que permitem ao entrevistado discorrer sobre o que está sendo questionado. É uma das ferramentas da entrevista mais utilizadas na pesquisa qualitativa porque propicia uma maior amplitude das respostas e conseqüentemente mais material de pesquisa para o pesquisador. (DESLANDES & MINAYO, 2009, p. 64). Como se trata de entrevistas, o uso da forma semiestruturada, pode proporcionar, certa flexibilidade e autenticidade nas respostas. O que interessa é obter uma perspectiva tanto do professor como dos alunos, para assim, tentar compreender as causas da desmotivação em sala de aula. Para que isso ocorra, as perguntas são claras e curtas, evitando assim ambigüidade na interpretação, ou o não entendimento.

Assim, as respostas são mais próximas da realidade que se quer analisar, bem como, também, deixa ao entrevistado espaço para suas reais respostas. Sendo que o foco das entrevistas são três professores do sétimo ano do Ensino Fundamental da Escola Municipal Tomé de Sousa, localizada no povoado de Olho D'água dos Martins, zona rural de Imperatriz/MA.

Ainda quanto a entrevista m dos obstáculos é a formulação das perguntas, que levam a respostas curtas e evasivas ou longas e indiretas. Entretanto, permite ao pesquisador adquirir muita informação sobre o objeto de estudo, podendo até, ao pesquisador, saber do que ocorre na comunidade local que o objeto está inserido.

Outro desafio encontrado na técnica das entrevistas semiestruturadas é o entendimento das perguntas. Como há uma heterogeneidade no grupo de inquiridos, a possibilidade de que alguém não consiga compreender o que lhe é perguntado é um fato. Por isso elaborar entrevistas é a parte mais complexa e delicada do estudo.

É necessário conhecimento prévio do ambiente onde o objeto está inserido, o que para esse estudo foi relativamente fácil, porque obtive contato frequente com docentes, alunos e a coordenação da escola.

Para que as entrevistas sejam bem elaboradas e não fujam de desafios de compreensão e aplicabilidade, cinco passos são importantes: “(...) a forma; a linguagem; as reações e os efeitos suscitados; a disposição das perguntas; a economia ou estruturação do conjunto” (GONCALVES, 2004, p.82). As perguntas, no que se refere ao conteúdo, podem ser de fato ou de opinião. Quanto as formas, podem ser fechadas, abertas e semiabertas. E pensando nestas dificuldades, optou-se por perguntas objetivas e diretas, embora todas sejam discursivas e permitam aos professores entrevistados uma resposta mais ampla.

4.0. ENTREVISTAS COM PROFESSORES DO 7º ANO DA ESCOLA MUNICIPAL TOMÉ DE SOUSA E ANÁLISE DOS DADOS

Para dar início a este capítulo, optamos por começar a contar as impressões obtidas do ambiente escolar, durante a aplicação das entrevistas. Um pouco da história da escola e da comunidade, inserida no contexto do trabalho.

Também no decorrer deste capítulo se exemplifica as questões das entrevistas bem como as respostas. A importância deste capítulo se configura nas entrevistas em si e em como os dados (respostas) obtidos auxiliam no processo para responder aos objetivos e problemática desta monografia.

4.1. Escola Tomé de Sousa

Após dois anos lecionando na escola municipal Tomé de Sousa, a escolha por essa instituição foi óbvia por já ter familiaridade com os alunos que lecionei, a diretoria, secretária e alguns professores.

Lecionei Geografia para alunos do 6º e 7º anos, no turno vespertino. O estágio de história foi realizado nesta escola também.

Sobre a escola pode-se dizer que é a única da Comunidade Olho D'água dos Martins, foi reformada há três anos e é composta por alunos da comunidade e

povoados vizinhos, das fazendas próximas, e também há alunos que moram nas proximidades do lixão.

A Comunidade onde se localiza a escola é tão pequena que alguns alunos, funcionários e professores são parentes: sobrinhos, filhos, netos. Há, também apenas duas igrejas, dividindo a comunidade local em evangélicos e católicos.

Sempre que alguém da comunidade falece ou é ligado a ela, a escola para suas atividades pois o convívio sempre é muito próximo. Tanto que o auditório da escola é usado, pela comunidade, para festas de aniversário de alunos, casamentos, batismo, festas das igrejas, quadrilhas, também dia das mães, páscoa, dia das crianças, Assim, os professores são acionados a motivar os alunos a comparecer. Também a maioria dos pais participam dessas comemorações. Existe um grupo bem ativo na comunidade que é a pastoral da juventude (PJ) ligada à igreja católica. Eles participam de manifestações e realizam trabalho com os jovens do povoado. Como não há pontos de lazer, a igreja se torna o ponto de encontro dos jovens da comunidade.

Como a escola está localizada na estrada do arroz sofreu de alguma forma social ou física com a chegada da Suzano e como forma de reparação pelas mudanças sofridas no povoado, a empresa em algum momento do ano faz contato com a escola para distribuição de bolsa e material escolar.

Outra característica da escola é a importância da merenda escolar para alguns dos alunos, principalmente os que moram nas circunvizinhanças. Muitos alunos de outras comunidades por causa da distância chegam sem almoçar, ou sem fazer nenhuma refeição. Então quando a escola não dispõe de merenda, libera os alunos mais cedo. Alguns são bem carentes e tem na merenda escolar uma das suas principais refeições diárias. Quando o cardápio da merenda é uma refeição, os alunos dizem gostar mais do que quando é só suco e biscoito.

Quanto a estrutura da escola, pode-se perceber que é pequena e apesar de ter sido reformada a pouco tempo já sofre desgastes provocados pela chuva. A escola possui cinco salas de aula, um auditório que é usado como sala de aula, uma sala de informática com computadores antigos que nunca funcionaram nesses três anos que participo da escola. Possui um espaço de diretoria dividida com a secretária, uma sala para os professores bem pequena chega a não caber, em dias de reuniões, todos os docentes; há também uma cantina onde é servida a merenda, banheiros

femininos e masculinos com acessibilidade para deficientes. A escola não possui pátio adequado para o momento da recreação.

Os ventiladores quebravam com facilidade, e o calor dificultava a concentração e mesmo a permanência de alunos nas salas de aula. O calor excessivo no verão e no inverno, além goteiras que muitas vezes eram resolvidas pela própria comunidade. A merenda escolar acabava antes do fim do mês, provocando a frequente liberação dos alunos antes de terminar o horário de aula. Também não há biblioteca e a sala de multimídia não possui computadores funcionando. A escola não tem acesso à internet liberado, somente a diretoria tem acesso, e por fim, o transporte escolar precário que era disponibilizado para os alunos.

No período do inverno, o ônibus escolar, com frequência, não passava nos povoados vizinhos pela falta de infraestrutura das estradas. Quanto a questões de estrutura física e recursos didáticos, o calor nas salas de aula, a fome dos alunos que muitas vezes tem na merenda a única refeição do dia, a falta de espaço para atividades extraclases são, na perspectiva de Maslow, necessidades fisiológicas que precisam serem satisfeitas para que aja um processo de ensino e aprendizagem com o mínimo de proveito, tanto pelos alunos como pelos professores. Maslow propõe,

Uma interessante hierarquia na intensidade das necessidades e no grau em que são satisfeitas em cada nível. Parte de uma classificação de necessidades em: a) fisiológicas; b) segurança (onde se inclui rotina, consistência e confiança); c) amor; d) estima; e) auto realização. Depois, sugere que, normalmente, o indivíduo não pode considerar determinada necessidade, a não ser que as necessidades anteriores estejam razoavelmente satisfeitas. (MASLOW apud MOULY, 1979, p. 37).

Logo, as necessidades fisiológicas são de extrema importância e podem ser totalmente satisfeitas. Como mencionado acima, uma criança com fome, frio ou calor excessivo pode ter uma certa dificuldade em prestar atenção na aula, ou mesmo nas atividades feitas em grupo. Outro fator importante sobre a teoria de Maslow (idem) é a segurança que a criança deve sentir nas dependências da escola e principalmente na presença do professor. Estando com essas necessidades fisiológicas satisfeitas, a criança estará mais atenta e disposta a participar das atividades em sala de aula.

4.2. Perfil dos professores entrevistados

As entrevistas foram feitas com apenas três professores, porque os demais se recusaram alegando falta de tempo e interesse no tema da entrevista. Para preservar os nomes dos professores, optou-se por chamá-los de professores, A, B e C.

Professora A: Licenciada em português com habilitação em inglês pela Universidade Estadual do Maranhão (Uemasul). Leciona em escolas do município há sete anos, inclusive na escola Tomé de Sousa. A professora mora fora do povoado, indo à escola apenas nos dias escalados para aula. Não tem nenhuma pós-graduação na área, mas pretende fazer. Durante a entrevista, dos três professores entrevistados, foi a única que pareceu disposta a responder as perguntas. Sua postura chamou atenção por ficar sempre de cabeça erguida, mantendo contato visual no decorrer de toda a entrevista. Demonstrou convicção e certeza em suas respostas.

Professor B: formado em matemática pela Universidade Estadual do Maranhão (Uemasul), leciona a disciplina de Ciências na escola Tomé de Sousa. Também reside fora do povoado onde a escola se localiza, se deslocando para lá apenas nos dias escalados para aula. Cursando pós-graduação na área de formação. À cinco anos leciona na escola Tomé de Sousa. Foi receptivo para responder as perguntas da entrevista, respondendo com clareza e coerência embora de modo rápido. Ficou à vontade quando soube que não era o único professor entrevistado.

Professora C: Possui formação em pedagogia, na modalidade EAD (Educação a Distância), especialização em história também modalidade EAD. Atualmente leciona disciplina de história na escola. Pela manhã trabalha com educação infantil. É professora mais antiga da escola com 13 anos de casa. Teve uma certa resistência em conceder a entrevista, perguntando algumas vezes se seu nome seria divulgado. Demorou a responder algumas perguntas, as respostas foram curtas. Durante a entrevista, não manteve contato visual. Estava inquieta, andando na sala onde ocorreu a entrevista. Quando questionada sobre seu “comportamento”, alegou está sem tempo e muito atarefada. Fazia outras tarefas durante a entrevista, demonstrando desconforto. Não gostou da entrevista, pois temeu está sendo avaliada.

4.3. Perguntas da entrevista

Neste tópico, teremos descritas as perguntas, previamente elaboradas, almejando responder aos objetivos propostos nesta monografia.

O tipo de entrevista escolhido para realizar a pesquisa foi a técnica de entrevista semiestruturado, por apresentar, segundo Boni e Quaresma, (2005, p.75) uma combinação de:

Perguntas abertas e fechadas, onde o informante tem a possibilidade de discorrer sobre o tema proposto. O pesquisador deve seguir um conjunto de questões previamente definidas, mas ele o faz em um contexto muito semelhante ao de uma conversa informal. [...]. Esse tipo de entrevista é muito utilizado quando se deseja delimitar o volume das informações, obtendo assim um direcionamento maior para o tema, intervindo a fim de que os objetivos sejam alcançados.

Roteiro das entrevistas

- 1) O que você entende por motivação?
- 2) Para você, professor, qual seria a definição de aluno motivado?
- 3) Analisando sua prática em sala de aula, o que você faz, enquanto professor, para que seus alunos estejam motivados?
- 4) E você se considera um professor motivado?
- 5) Quanto à didática, como você integra uma nova temática na sala de aula?
- 6) Que meios avaliativos você utiliza?
- 7) Quais os recursos didáticos são disponibilizados para aula? E, quais você utiliza em sala de aula?
- 8) Para você, os livros didáticos despertam o interesse do aluno?

4.4. Aplicação das entrevistas e análise dos dados

As questões das entrevistas foram formuladas na tentativa de responder os objetivos da pesquisa. Para fazer uma separação do restante do texto, faz-se uso da linguagem em *itálico* para diferenciar as respostas dos professores.

O primeiro objetivo específico busca compreender as causas da desmotivação dos alunos do sétimo ano da Escola Municipal Tomé de Sousa. Para responder a esse objetivo foi possível a partir das três primeiras questões:

- ✓ 1) O que você entende por motivação?
- ✓ 2) Para você professor qual seria a definição de aluno motivado?
- ✓ 3) Analisando sua prática em sala de aula, o que você enquanto professor, faz para que seus alunos estejam motivados?

Antes de adentrar nas respostas das entrevistas, fica evidente nas observações de campo, bem como em participação nas reuniões dos professores a opinião destes em relação aos alunos do sétimo ano, pois a maioria dos professores

as descreviam como “desinteressados” e “desmotivados”, (termos comuns e recorrentes durante as entrevistas, os quais foram utilizados para classificar os tipos de alunos). Diante dessa percepção, as questões surgiram para compreender o que eles entendiam por aluno motivado.

Em síntese as respostas dos professores foram voltadas para os conceitos de: *participação, interesse e comportamento*.

A resposta do professor B, é um exemplo dessas conceituações: “É o aluno interessado que se comporta e faz as tarefas, participa das aulas, e gosta de vir a escola”. Para este professor a motivação do aluno está diretamente ligada à sua participação nas aulas e execução de tarefa.

Durante a realização das entrevistas, uma questão foi observada sobre as reuniões e conselhos de classe: a divisão das turmas de sétimo ano (7º ano a e 7º ano **b**).

Os professores destacam que a turma do 7º ano **b** é formada em sua maioria por alunos repetentes e mais velhos dos que os alunos da turma a. A percepção dos professores não foi a mesma que a minha sobre a turma **b**. A recebi com receio, mas logo me surpreendi, pois muitos dos alunos, inclusive os repetentes tinham facilidade com o conteúdo justamente por já tê-lo visto.

Partindo deste princípio motivador, e entendendo que a motivação do professor é fundamental para que o processo de ensino e a aprendizagem do aluno ocorram eficazmente, o docente “[...] terá que perceber as relações sociais, econômicas, políticas e culturais em que o processo educacional ocorre e deverá atuar como agente de transformação da realidade em que se insere [...]”. (CAVALCANTE. Et.al., 2016, p. 143).

Outro aspecto importante para ser destacado é que os alunos do 7º ano **b** não são moradores do povoado, necessitando assim, de transporte escolar, que como já foi dito antes a infraestrutura da estrada é ruim, e em períodos chuvosos, deixam de passar em certos povoados vizinhos, conseqüentemente, esses alunos não vão para a escola. Esse fator, também afeta diretamente a aprendizagem e a motivação dos alunos porque não há uma continuidade.

Outro item que deve ser enfatizado é a idade dos repetentes que tem entre 15 e 17 anos, que convivem com alunos mais novos, numa sala pequena e com apenas um ventilador. Finalizando esse tópico, a fala de Pisandelli (2007) sobre o assunto, cai bem:

[...] Uma família carente dificilmente apresenta suas necessidades inferiores satisfeitas, nem sequer em níveis relativos, pois não existe garantia de alimentação, moradia, repouso e segurança física do grupo familiar, entre outras. [...] Uma criança, fruto desse ambiente, somente poderá encontrar uma saída para seu futuro através da escola e do conhecimento de fatos e situações diferentes daquelas que está acostumado a viver, o que poderá lhe abrir as portas do trabalho e da ascensão social. O que se espera dessa escola é que possa lhe fornecer as ferramentas necessárias para construir, degrau por degrau, a escada que lhe permitirá a quebra daquele círculo vicioso e a conseqüente passagem para níveis mais elevados dentro da escala social, subindo na hierarquia das necessidades, promovendo a auto-estima e o autodesenvolvimento. (PISANDELLI, 2007, p.02)

Para a questão “o que você entende por motivação”? As respostas não foram muito diferentes; o professor A respondeu: *“Motivação é o fato do aluno buscar sempre o novo, de quer fazer suas tarefas, tirar dúvidas buscar sempre saber o conteúdo, ou seja, é comprometido com os estudos”*. Portanto fica claro que na visão dos professores a motivação e desmotivação dos alunos se dar a medida em que realizam e executam suas tarefas e o quanto se interessam pelas aulas.

Segundo Engelmann (2010 apud MARTINS, 2016, p.14) “[...] para que se tenha motivação tem que ter o incentivo, sendo que o processo de incentivo advém do professor e está diretamente relacionado com o aprendizado dos alunos, fazendo assim com que eles tracem metas e siga seus objetivos”. Sendo assim, o professor como mais experiente da sala e o responsável pelo processo de aprendizado do aluno, deve estar motivado para que os alunos também se motivem.

Além disto, Bzuneck, (2000 apud MORAES & VARELA, 2007, p. 05) diz que “a motivação, ou o motivo, é aquilo que move uma pessoa ou que a põe em ação ou a faz mudar de curso”.

Embora conceituem e cobrem motivação dos alunos, as respostas dos professores se mostraram rasas, sem conhecimento aprofundado de como identificar situações motivacionais. Pode ser percebido que os professores não têm claro, o conceito de motivação. Para confirmar essa análise, podemos observar as semelhanças das respostas dos professores. E ainda mais, nas respostas da primeira pergunta, foi percebido que os professores não entendem motivação como uma ação que propulsiona a aprendizagem dos alunos, e sim, ação que leva os alunos a cumprirem as atividades cobradas em sala de aula.

Já na segunda pergunta, as respostas traduzem um pensamento uníssono entre os professores: a desmotivação das turmas está diretamente ligada ao fato de não fazerem as tarefas e exercícios propostos em sala de aula. Entendendo essa

limitação como um desafio docente, e buscando uma solução, Morais e Vilela (2007, p. 07) m que “[...]. Nem sempre os alunos percebem o valor dos trabalhos escolares, pois, muitas vezes, não conseguem compreender a relação existente entre a aprendizagem e uma aspiração de valor para a sua vida. O que faz com que eles não se envolvam no trabalho”.

Na terceira pergunta da entrevista, as respostas foram curtas e diretas não deixando possibilidade para uma análise mais aprofundada. Os professores se restringiram a responder que fazem dinâmicas e trabalhos em grupos. Talvez por que essas didáticas façam com que os alunos fiquem mais animados e cumpram as tarefas dadas.

Conforme Mouly, (1979, p. 257):

[...] a chave da motivação está em regular a satisfação que o indivíduo obtém com seu comportamento, pois a aprendizagem – tanto da maneira de lidar com as matérias escolares quanto de formas para enfrentar problemas sociais e pessoais – ocorrem quando as respostas apreendidas já não são adequadas para permitir a satisfação das necessidades do indivíduo. Dessa forma a criança, na sala de aula não aprende porque tenha interesse inato nas dificuldades de álgebra ou da história; aprende porque, ao fazê-lo, pode satisfazer suas necessidades de reconhecimento social, autoestima, motivos de hábito e seu auto conceito. [...]

Assim, o professor terá o papel de dar motivo para os alunos satisfazerem suas necessidades, e desse modo, o aluno aprende e participar das aulas para satisfazer a estas necessidades, de reconhecimento social e para autoestima, e também demonstrar estar motivado a aprender, e o docente percebe que seu planejamento de aula e os recursos utilizados para ensinar não são apenas um meio para obter um fim, no caso, os exercícios respondidos.

O segundo objetivo específico é verificar as estratégias pedagógicas dos professores do sétimo ano para motivar os alunos do Ensino Fundamental da escola Tomé de Sousa. Buscando responder esse objetivo, foram feitas as seguintes perguntas sobre a didática em sala de aula:

- ✓ 5) Quanto a didática, como integra uma nova temática na sala de aula?
- ✓ 6) Que meios avaliativos você utiliza?
- ✓ 7) Quais recursos didáticos são disponibilizados para aula? E quais você utiliza em sala de aula?
- ✓ 8) Para você, os livros didáticos despertam o interesse do aluno?

Os professores deixaram claro que sempre buscam fazer um link do conteúdo com a realidade do aluno, procurando explicar o conteúdo de uma forma clara. Não

utilizam-se de muitos recursos didáticos nem mídias digitais. A não ser o uso do aparelho de DVD para assistir filmes. Além disso, as avaliações se restringem em provas escritas, organização do caderno e participação nas aulas.

As perguntas para alcançar respostas ao segundo objetivo são importantes para analisarmos as práticas docentes. Algumas se destacam, como por exemplo: *“deixo claro a relevância do conteúdo para meu aluno; faço um link realidade e conteúdo”* e nos fazem perceber que Vygotsky estava certo, relacionando desenvolvimento humano e aprendizagem ao afirmar que o homem, se desenvolve, enquanto inserido no contexto social. “[...] Nesse sentido o aprendizado está profundamente relacionado com o desenvolvimento [...]”. (FILHO, 2008, p.270).

Já os livros didáticos, não chamam atenção dos alunos de acordo com as falas dos professores: A: *Na sua totalidade nós vivemos em uma era digital ... o livro chama pouca atenção.* E professor B: *Acredito que não, pois alguns alunos só abrem quando têm que copiar alguma tarefa.* Entretanto, na fala do professor C: *Sim, pois percebo que os alunos gostam do texto e das imagens do livro.* Lida na fala do professor C: *os livros didáticos são interessantes aos alunos que parecem gostar das imagens e da estética do livro.*

Sobre a integração de antigos e novos conteúdos, os professores foram semelhantes ao afirmarem que procuram relacionar esses conteúdos com a realidade. O Professor A afirma que: *Ao iniciar uma nova temática é importante procurar um elo entre conteúdo anterior e o que se inicia ... os conteúdos devem se amarrar não ficando solto por isso dificulta o interesse do aluno.*

Já o professor B diz: *Quando começo uma nova temática procuro chamar atenção do aluno buscando fazer o link da realidade e temática.*

O professor C responde: *Exponho o tema falo da relevância do tema para a vida explicando da forma mais fácil possível.*

Sobre os meios avaliativos que utilizam em sala de aula, dois professores optam por provas escritas e atividades extras, e um professor afirma que a participação e a realização de atividades contam muito para avaliar o aluno.

Professor A: *O processo de avaliação deve ser contínuo não só na hora da prova tem que ser desde pequenas atitudes como o comprometimento, se fez lição de casa e a maneira de se expressar.*

Professor B: *Prova escrita, trabalhos, seminários organização do caderno.*

Professor C: *Participação, organização e um teste de conhecimento*

Já sobre os recursos didáticos que utilizam em sala de aula, os professoras foram sucintos nas respostas. Alguns consideraram como recursos didáticos aparelhos de DVD e projetor.

Professor A: *O uso dos recursos didáticos é limitado a escola não possui Datashow o tempo também não ajuda.*

Professor B: *Uso DVD as vezes para passar filmes.*

Professor C: *livro, pincel, quadro, xerox, textos diversos, caixa de áudio e papel A4, dicionários.*

Sobre os livros didáticos um professor respondeu: “Na sua totalidade nós vivemos em uma era digital, o livro chama pouca atenção”. A fala do professor A reflete um desafio que os professores do Ensino Básico enfrentam atualmente no país. O livro didático está perdendo espaço e interesse entre os alunos.

Grande parte dos livros didáticos são baseados num currículo pouco atraente para a idade do alunado, contendo quase nenhuma relação contextual com a sociedade que vivem, dificultando assim, para o professor relacionar os assuntos e para o aluno, fazer uma ligação efetiva com a realidade que vive, tornado precário o processo de aprendizagem. Sobre isso, Mouly afirma que:

Para ser eficiente, o currículo precisa, não apenas ligar-se as necessidades das crianças, mas tornar-se suficientemente dinâmico, de forma a poder enfrentar a competição de outras atividades que pedem a atenção da criança. Pode-se até dizer que geralmente, embora nem sempre, não se deve esperar que a criança aprenda algo que ainda não tem significação para seus objetivos e intenções. (MOULY, 1979, p. 261)

Quando questionados, se, enquanto professores se sentem motivados em sala de aula, pode-se perceber nas falas dos professores que as respostas demonstram as perspectivas e percepções dos professores.

Professor A: *Sim e não, motivada por fazer o que gosto, e desmotivada pelas condições do ensino e o salário.*

Professor B: *Sim, procuro não trazer problemas para o trabalho e sempre motivar meus alunos.*

Professor C: *Sim, apesar de muitas vezes ficar triste com a atual situação da educação.*

Entendendo que a motivação do professor afeta diretamente no processo de aprendizagem do aluno, cabe ao docente ser um canal que liga o acesso à cultura as vivencias dos alunos, principalmente durante as aulas.

O papel do professor, segundo Huertas (2001), não é o de influenciar o aluno quanto às suas habilidades, conhecimentos e atitudes, mas o de facilitar a construção por parte deles do processo de formação. Frente a essa idéia, o professor influenciará o aluno no desenvolvimento da motivação da aprendizagem. Para o autor, quanto mais consciente for o professor com relação a motivação, melhor será a aprendizagem de seu aluno. (KNUPPE, 2006, p. 281).

Durante as entrevistas realizadas em momentos, dias e horários diferentes, para que não houvesse a possibilidade de ajustes nas respostas dos professores, até o momento de analisar os dados obtidos dessas entrevistas, ficou evidente que para os três professores entrevistados do sétimo ano da escola pública municipal Tomé de Sousa, que a motivação dos alunos depende mais do interesse dos mesmos nas aulas, do que nos recursos didáticos e nos meios pedagógicos que são utilizados durante o processo de ensino e aprendizagem.

Em contrapartida aos pensamentos e entendimentos expressos pelos professores das turmas do 7º ano, Piaget, vai esclarecer que:

[...] o indivíduo assimila o estímulo e, após uma interação ativa, emite uma resposta, ou seja, o conhecimento adquirido não é devido a uma ação unilateral do meio (estímulo) sobre o sujeito passivo, mas sim a uma interação nos dois sentidos: do estímulo sobre o sujeito e ao mesmo tempo do sujeito sobre o estímulo. [...]. (FERRACIOLE, 1999, p. 11).

E de acordo com a teoria da pirâmide das necessidades de Maslow, podemos constatar que para os alunos carentes do povoado Olho D'água dos Martins e também os povoados vizinhos, visam primeiramente satisfazer uma das necessidades mais básicas que é alimentação, para então se dedicar a aprender.

As pessoas podem perder a motivação, quando as necessidades básicas não são satisfeitas, desde fisiológicas até as do ego. Para Maslow (apud HERSEY e BLANCHARD, 1986) o comportamento é ditado por motivos diversos, resultantes de necessidades de caráter biológico, psicológico e social, [...] (MORAES & VARELA, 2007, p. 04)

Outro fator estrutural que afeta diretamente a motivação dos alunos e indiretamente dos professores, é a falta de recursos tecnológicos que ampliam a capacidade de aprendizagem dos alunos e de ensino dos docentes.

Corroborando, esse pensamento, a teoria de Vygotsky de que aprendizagem e desenvolvimento são interligados com o contexto social e histórico dos alunos e professores, serve para confirmar como é fundamental que haja uma interação da comunidade com a escola, o que acontece com a escola Tomé de Sousa, entretanto, essa interação deve ser direcionada para o aprendizado dos alunos.

5.0. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer deste trabalho, os desafios percebidos na profissão de professor não são fáceis de se transpor, ainda mais quando a escola se encontra na zona rural. Ser professor de escola rural é estar preparado para problemas possíveis, como falta de material de apoio, falta de água, salas sem ventilação ou iluminação adequadas e, principalmente um problema que afeta a muitos alunos de escolas rurais: a fome.

Os motivos que levaram ao desenvolvimento desta monografia foi a necessidade de entender como os professores entendem a motivação dentro da sala de aula. Se sentem que o fator motivacional parte deles, ou se depende dos alunos. Para isso, as entrevistas foram fundamentais, pois foi possível perceber como os professores da Escola Municipal Tomé de Sousa, localizada no povoado de Olho D'água dos Martins, zona rural de Imperatriz, viam a motivação como um fator inerente aos alunos, tendo a participação docente em segundo lugar.

Para os professores do sétimo ano “b”, os alunos eram desinteressados e desmotivados, por querer, não demonstravam querer aprender. Entretanto, quando questionados sobre o que seria motivação e como motivavam os alunos, as respostas apresentaram um comportamento cômodo, onde os docentes não buscavam recursos ou meios para tornar a aula mais interessante e motivadora para o aluno, ou seja, os professores criaram um ambiente que não propicia motivação e posteriormente, reclamam da desmotivação dos estudantes.

Ao longo desta pesquisa foi possível conhecer e discutir teorias sobre motivação no processo de ensino aprendizagem. Os estudos mostraram a importância da motivação nesse processo, e como os professores devem entender e usar de métodos para instigar a motivação do aluno. A pesquisa na escola mostrou a valor do ambiente familiar, do ambiente escolar, da importância de conhecer o contexto social dos alunos.

A pesquisa mostrou que a motivação dos alunos do sétimo ano B para os professores está ligada a execução de tarefas e comportamento esses também são meios de avaliação. Ficou claro, portanto, que os alunos têm dificuldades em cumprir tarefas exigidas pelos professores, que os professores usam um conceito muito fechado de motivação os alunos que não se enquadram são considerados desmotivados, também ficou claro com as entrevistas objetadas as teorias a

importância do planejamento do professor para que o mesmo consiga motivar seus alunos. E que as concepções teóricas sobre motivação se diferenciam bastante das definições de desmotivação que os professores têm dos alunos.

Compreende-se as dificuldades da realidade social em que vive os alunos e as dificuldades que os professores enfrentam. Porém o professor é peça fundamental que entra como mediador dos conhecimentos unindo os melhores métodos para assim dribla a desmotivação, criando situações e desafios que ajudem no interesse dos alunos.

Em suma compreende-se que a motivação é fundamental nesse processo se tornando menos complicada quando o professor entende e identificar as necessidades dos seus alunos, para assim adotar uma didática eficiente para que sua aula tenha resultado pretendido.

6.0. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

APIO, Cristiano. Motivação humana. Portaldapsique.com. 23/05/2007. Disponível em: <http://www.portaldapsique.com.br/Artigos/Motivacao_Humana.htm>. Acessado em 28 jul.2018.

BONI, Valdete; **QUARESMA**, J. Sílvia. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em ciências sociais. Revista Eletrônica dos pós-graduandos em Sociologia política da UFSC. v.2. n.1. Jan.- Jul./2005. P. 68-80. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/emtese/article/viewFile/18027/16976>>. Acessado em 05 out. 2018.

CAVALCANTE, Márcio B. et.al. O ensino de geografia sob um enfoque motivador. periódicos.ufpb.br. 2016. Gaia scientia (2016). v.10. n.4. p. 138-150. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/gaia/article/view/25274/17619>>. Acessado em 25 out. 2018.

CAVICCHIA, Durlei de Carvalho. O desenvolvimento da criança nos primeiros anos de vida. Psicologia do desenvolvimento. Universidade Estadual de São Paulo. [200?] Acervodigital.unep.br. Araraquara, São Paulo. Disponível em: <<https://acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/224/1/01d11t01.pdf>>. Acessado em 15 ago.2018

DESLANDES, Suely Ferreira. Pesquisa Social: teoria, método e criatividade / Suely Ferreira Deslandes, Romeu Gomes; Maria Cecília de Sousa MINAYO (organizadora). 28.ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2009. Universidade Federal de Pelotas, RS. Disponível em<<http://www.mobilizadores.org.br/wp-content/uploads/2015/03/MINAYO-M.->

[Cec%C3%ADlia-org.-Pesquisa-social-teoria-m%C3%A9todo-e-criatividade.pdf](#)
Acessado em 15 ago.2018.

FERRACIOLI, Laércio. Aprendizagem, desenvolvimento e conhecimento na obra de Jean Piaget: uma análise do processo de ensino-aprendizagem em ciências. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos. v.80, n.194, p.5 – 18. jan./abr.1999. Brasília. rbep.inep.gov.br. Disponível em: <http://rbep.inep.gov.br/index.php/rbep/article/view/1001>. Acessado em 15 ago. 2018.

FILHO, Marcílio L. de Sousa. Relações entre aprendizagem e desenvolvimento em Piaget e Vygotsky: dicotomia ou compatibilidade? Periódicos.pucpr.br. 2008. Revista Diálogo educacional. v.8. n.23. p.265-275. jan / abr. 2008. Curitiba. Disponível em <https://periodicos.pucpr.br/index.php/dialogoeducacional/article/view/4039>. Acessado em 25 out. 2018.

GONÇALVES, Albertino. Métodos e Técnicas de Investigação Social I. 2004. 123 p. Monografia (curso de Ciências Sociais). Universidade do Minho. Braga, Portugal. 2004. Disponível em: <https://tendimag.files.wordpress.com/2012/09/mc3a9todos-e-tc3a9nicas-de-investigac3a7c3a3o-social-i.pdf>. Acessado dia 02, Jan. 2018.

GOLDENBERG, Mirian. A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais. 10ª. ed. – Rio de Janeiro: Record, 2007

KNUPPE, Luciane. Motivação e desmotivação: desafios para as professoras do Ensino Fundamental. Scielo.br.2006. Educar em revista. n. 27. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/er/n27/a17n27.pdf>. Acessado em 25 out. 2018.

LE MOS, Michael de Oliveira.; **GIORGI**, Heloísa de Oliveira Prado. As Semelhanças, diferenças e contribuições de Piaget e Vygotsky para a formação docente. Psicologia pt o portal dos psicólogos. psicologia.pt. 13/05/2011. Disponível em: www.psicologia.pt/artigos/textos/TL0220.pdf. Acessado em 15 ago.2018.

MARTINS, M.H. de L.G. Motivação e desmotivação de alunos da rede pública: um olhar para relação na aprendizagem. Universidade Federal de Campina Grande campus de Patos, Paraíba. Centro de saúde e tecnologia rural. cstr.ufcg.edu. 2016. Disponível em: http://www.cstr.ufcg.edu.br/grad_cienc_bio/tcc_15_2/14_maria_helena_de_lima_gomes_e_martins.pdf. Acessado em 28 jul.2018.

MORAES, C.R.; **VARELA**, S. Motivação do aluno durante o processo de ensino e aprendizagem. Revista eletrônica de educação. Ano I. n. I. ago./dez.2007. Centro Universitário Filadélfia. unifil.br. [200?]. Disponível: http://web.unifil.br/docs/revista_eletronica/educacao/Artigo_06.pdf. Acessado em 28 jul.2018.

MOULY, George Joseph. Psicologia educacional. Tradução: Dante Moreira Leite. 7.ed. São Paulo: Pioneiros, 1979.

PISANDELLI, G. M. V. Lopes. A teoria de Maslow e sua relação com a educação de adultos. Portaldapsique.com. 18/06/2007. Disponível em:<[http://www.portaldapsique.com.br/Artigos/Teoria de Maslow e sua relacao com a educacao de adultos.htm](http://www.portaldapsique.com.br/Artigos/Teoria_de_Maslow_e_sua_relacao_com_a_educacao_de_adultos.htm)>. Acessado em 28 jul. 2018.

PISANDELLI, G.M. V. Lopes. A teoria de Maslow e o fracasso escolar. portaldapsique.com. 18/06/2007. Disponível em:<[http://www.portaldapsique.com.br/Artigos/Teoria de Maslow e o Fracasso Escolar.htm](http://www.portaldapsique.com.br/Artigos/Teoria_de_Maslow_e_o_Fracasso_Escolar.htm)>. Acessado em 28 jul. 2018.

PRADO, Margareth Simone Marques. Psicologia da Educação. Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Cruz das Almas, Ba: SEAD – UFRB, 2017. 42p. Bahia. Educapes.capes.gov.br. Disponível em: <<https://educapes.capes.gov.br/bitstream/capes/205425/1/Livro%20Psicologia%20da%20Educa%C3%A7%C3%A3o%20I.pdf>>. Acessado em 05 set. 2018.

SILVA, Daniella Neves da. A desmotivação do professor em sala de aula, nas escolas públicas de São José dos Campos, São Paulo. Universidade de Tecnologia Federal do Paraná, campus Curitiba, Paraná. Uftpr.edu. 2012. Disponível em :<http://repositorio.roca.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/1822/1/CT_GPM_II_2012_87.pdf>. Acessado em 28 jul.2018.

SISTO, Fermino Fernandes.; **OLIVEIRA**, Gislene de Campos.; **FINI**, Lucila Dihel Tolaine. Leituras de psicologia para formação de professores. Fermino Fernandes Sisto, Gislene de Campos Oliveira, Lucila Dihel Tolaine Fini (orgs). Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2000.